

1.26 • Conjuntura Internacional

CONTEXTOS GEOPOLÍTICOS DE MOÇAMBIQUE ATÉ AO FIM DA GUERRA FRIA

Fernando Jorge Cardoso

Texto entregue em Julho de 2020

A LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL e os primeiros 15 anos de independência em Moçambique foram conduzidos pela Frelimo em contextos geopolíticos determinados pelo conflito Leste – Oeste e numa região fortemente influenciada pelo regime do apartheid.

Da independência

O fraco apoio político e económico e nulo em termos militares dos governos ocidentais à luta de libertação nacional em Moçambique deveu-se a quatro fatores principais: um, a existência do Conflito Leste – Oeste e o facto de Portugal ser membro da OTAN; dois, a relação política privilegiada do movimento com os países socialistas expressa em apoio militar, logístico e em formação; três, a importância estratégica da rota do Cabo, principalmente de 1967 a 1975, quando o canal de Suez foi encerrado na sequência da guerra dos 6 dias – o que ajuda a compreender também alguma tibieza das medidas ocidentais contra o regime do apartheid; quatro, a opção socialista, que está presente desde a fundação e é reafirmada em 1968, em Congresso liderado pelo primeiro presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane, e reforçada por Samora Machel desde que assume a presidência em maio de 1970.

Na primeira metade dos anos 70, três acontecimentos internacionais influenciaram o rumo dos acontecimentos em Moçambique: em 1972, o princípio do fim da guerra do Vietname, com o início das negociações de paz de Paris, na sequência da abertura de relações entre os EUA e a China; em 1973, a subida dos preços do petróleo, que catalisou a crise estrutural do capitalismo de 1974-1976; em 1974, a revolução de abril em Portugal, que levou, em setembro desse ano, aos Acordos de Lusaca e à formação de um Governo de Transição conducente à independência e à transferência de poder para a Frelimo em junho de 1975.

O número de portugueses brancos em Moçambique era estimado em cerca de 200 mil antes da revolução de abril em Portugal. De 1974 a 1976, 80% saiu do país em três vagas: a primeira, em 1974, na sequência dos Acordos de Lusaca e do medo causado por eventuais consequências da revolta gorada de segmentos da população branca de 7 a 11 de setembro e das reações populares violentas a disparos de comandos em 21 de outubro; a segunda, em 1975, a partir da independência, em resultado do clarificar da natureza

socialista da Frelimo; a terceira, em 1976, dada a nacionalização dos prédios de rendimento em julho desse ano, que atingiu uma relevante fonte de rendimento das classes médias. Após o êxodo, permaneceram no país cerca de 20 mil brancos, parte dos quais adquiriu a nacionalidade moçambicana. Uma medida do impacto deste êxodo sobre a administração pública e a economia pode ser inferida pelo número de alunos matriculados na Universidade: de 3.500 (dos quais 40 negros) em 1974, para menos de mil em 1976.

“O número de portugueses brancos em Moçambique era estimado em cerca de 200 mil antes da revolução de abril em Portugal.”

O êxodo da população branca não é somente explicável pelo medo da mudança ou pela orientação socialista da Frelimo. Parte dessa população saiu também por não querer viver num país governado por negros – não foi por acaso que um número significativo dos que saíram se radicou no país do apartheid. Na verdade, o modo de vida da população branca, que povoou o país somente no século XX, foi influenciado pela vizinhança dos regimes racistas da África do Sul e da Rodésia do Sul. Este êxodo fez sair do país a grande maioria de proprietários, gestores e trabalhadores qualificados e levou o governo a ter que assumir as empresas abandonadas, nomeando comissões administrativas¹.

E dos Acordos de Lancaster House

A Frelimo aplicou as sanções decretadas contra a Rodésia do Sul após a independência de 1965 e albergou e apoiou a ZANU de Robert Mugabe a partir de 1976. Estas decisões conduziram a guerras fronteiriças entre os dois países de 1976 a 1979 e à contrainformação e contraguerrilha protagonizadas por portugueses e moçambicanos que pertenciam a tropas especiais e a forças paramilitares (os Flechas). Estas operações, dirigidas pelos serviços secretos rodésianos, incluíram a criação da rádio Moçambique Livre e de uma força militar de contraguerrilha, o MNR (Movimento Nacional de Resistência).

A Frelimo assumiu o poder num contexto de aparente avanço do campo socialista e de enfraquecimento do capitalismo nos anos 70. São exemplos significativos do ambiente que se vivia à época, as vitórias das guerrilhas comunistas no Vietname, Laos e Camboja em 1975, as independências das demais colónias portuguesas no mesmo ano, a vitória dos Sandinistas na Nicarágua em 1979 e, por último, em dezembro desse ano e com efeitos diretos em Moçambique, a assinatura do Acordo de Lancaster House, que levou à independência do Zimbabué em Abril de 1980.

Em paralelo e com influência nas alianças políticas da Frelimo, de 1974 a 1976 deu-se a maior crise estrutural do capitalismo desde 1929-1933, que ocasionou leituras erróneas que apontavam para uma falência próxima do sistema. Na verdade, a crise induziu inovações tecnológicas que pouparam energia – novos motores e ligas mais leves – e que revolucionaram as comunicações – fibras óticas. Feitas com fortes subsídios governamentais, o surto de inovações acabou por reforçar o capitalismo, que aumentou as vantagens económicas competitivas que já detinha sobre o campo socialista.

Foi neste contexto que a Frelimo se transformou em partido comunista em 1977, apostando na falência do capitalismo e no aumento do apoio dos países socialistas, expectativas que não se iriam confirmar. Em 1978, a África do Sul deixou de vender ouro ao país a preços fixos – num valor igual a metade dos salários pagos aos mineiros no fim dos contratos sazonais – e, em 1979, adotou uma “Estratégia Total” contra Moçambique, caracterizada por ações de desestabilização a todos os níveis, direta e indiretamente. Entre o Acordo de Lancaster House, dezembro de 1979, à independência do Zimbabué, abril de 1980, a África do Sul acolheu o MNR, transformando-o em força de desestabilização². Desde então, o MNR transmutou-se na Renamo que, até final dos anos 80, operou sob tutela do regime do apartheid.

Neste período, apesar da radicalização do regime, a política externa do país foi de abertura, com a busca de apoios económicos diversificados, acelerada pela dificuldade de os países socialistas fornecerem tecnologias e meios de produção adequados. O apoio ocidental aumentou também por Moçambique ser a rota alternativa de acesso ao mar para os vizinhos. A criação dos Países da Linha da Frente, em 1976 – Angola, Moçambique,

LINHA DE TEMPO DE ACONTECIMENTOS

1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
Revolução de abril em Portugal, fim da luta armada de libertação nacional	Independência de Moçambique	Independência de Moçambique	Aplicação das sanções à Rodésia do Sul, criação do MNR	Transformação da Frelimo em partido marxista-leninista, radicalização do regime	Acordo de Lancaster House, aliança tática entre Samora Machel e Margaret Thatcher	Independência do Zimbabué, génese da Renamo sob tutela do regime do apartheid	Guerra de desestabilização, paralisação progressiva das principais vias de comunicação



MAPA DE MOÇAMBIQUE E PAÍSES VIZINHOS

Botsuana, Zâmbia e Tanzânia, que levou à formação, em Abril de 1980, da SADCC, Conferência de Coordenação do Desenvolvimento da África Austral, à qual se juntaram o Zimbabué, o Lesoto e a Suazilândia, foi essencial para esse apoio. Moçambique recolheu apoio do ocidente também pela perceção generalizada nos moçambicanos, no corpo diplomático, empresários estrangeiros e cooperantes, da natureza não corrupta do regime.

Até final da década de 1980

À entrada dos anos 1980, com a independência do Zimbabwe, a liderança da Frelimo anunciou o lançamento de um ambicioso programa de modernização do país, o PPI (Plano Prospetivo Indicativo), que ambicionava erradicar o subdesenvolvimento. O plano mal saiu das intenções, sendo a sua implementação travada pela conjugação de três fatores.

Primeiro, a concretização da Estratégia Total sul-africana, com o paralisar de vias de transportes e comunicações e a sabotagem da produção agrícola – através da ação da Renamo, ao tempo batizada de “bandidos armados”. Este facto levou à assinatura do Acordo de Incomati em março de 1984, com o compromisso entre Moçambique e a África do Sul de por fim a apoios à Renamo e ao ANC, respetivamente – Maputo cumpriu, Pretória não, tendo a desestabilização prosseguido e evoluído, com o tempo, para uma guerra civil. Segundo, os efeitos de duas políticas desastrosas. Uma, a concentração da população rural em “aldeias comunais”, iniciada no pós-independência com fins económicos e sociais, reforçada nos anos

O desenvolvimento de Moçambique até ao término da guerra fria foi fortemente influenciado pelo Conflito Leste – Oeste, pela vizinhança do regime do apartheid e, até final dos anos 1970, pela do regime racista sul-rodésiano. Foi igualmente determinado pela opção ideológica da Frelimo, que liderou a luta armada de libertação nacional contra o regime colonial português, apoiada pelos países socialistas, pelos países escandinavos, pelo Grupo dos 77 e por movimentos de esquerda em vários países ocidentais.

A evolução interna é melhor compreendida quando enquadrada nos respetivos contextos geopolíticos, sem o que a compreensão do desenvolvimento e das opções políticas fica comprometida. Um dos elementos mais interessantes da história do país até final da guerra fria foi o reconhecimento generalizado, incluindo de adversários e inimigos políticos, da natureza competente e não corrupta do poder no consulado de Samora Machel, apesar das limitações às liberdades políticas e dos erros de governação, principalmente a concentração forçada de camponeses em aldeias comunais e a expulsão de desempregados das cidades.

1980 com fins militares. Outra, a “Operação Produção” de 1983, com a expulsão de “marginais” e desempregados das cidades para o campo, maioritariamente para o Niassa. Ambas as políticas levaram à diminuição da produção camponesa, a desastres humanitários localizados e a ressentimentos anti Frelimo, capitalizados pela Renamo. Terceiro, a deterioração económica na URSS e no leste europeu, que ajuda a explicar o veto que foi dado à entrada de Moçambique no CAME (Conselho de Ajuda Mútua Económica) em 1982 – motivado pela deterioração económica no campo socialista europeu e não por razões de cariz ideológico.

“
Até ao fim da década,
a Frelimo assumiu
progressivamente
o modelo de ajustamento
estrutural típico do
“Consenso de Washington.”
”

A conjugação destes fatores levou a Frelimo a rever estratégias e a iniciar um processo de abertura a Ocidente ainda no consulado de Samora Machel. Tal é exemplificado pela adesão ao Banco Mundial e ao FMI em setembro de 1984, ao Acordo de Lomé III em dezembro desse mesmo ano e pelo encontro de Samora Machel com Ronald Reagan na Casa Branca em setembro de 1985, que levou à melhoria das relações com os EUA e à saída de Moçambique da “lista negra” de grupos considerados terroristas ou comunistas.

A morte de Samora Machel em outubro de 1986 encerrou definitivamente o capítulo da construção do socialismo em Moçambique, encerramento esse que, na verdade, já havia sido por ele iniciado. Na realidade, o primeiro exemplo de programa de ajustamento estrutural, batizado de Programa de Reabilitação Económica, aprovado no consulado de Joaquim Chissano em 1987, foi começado a preparar no governo de

Samora Machel, com o Programa de Ajustamento Económico (PAE) 1984-1986 e com medidas de desvalorização da moeda, que abriram caminho a negociações para a reestruturação e o perdão parcial da dívida externa.

Com Joaquim Chissano, a construção do socialismo foi descartada definitivamente. Foi neste período que se liberalizou a economia e se produziu um outro tipo de êxodo interno, desta vez de quadros políticos e militares e de gestores e trabalhadores especializados do setor público para o privado – que acelerou a fragilização do Estado e a perda de competências da administração pública. Até ao fim da década, a Frelimo assumiu progressivamente o modelo de ajustamento estrutural típico do “Consenso de Washington” – mais desvalorizações monetárias, maiores cortes orçamentais e no investimento público, políticas monetárias e fiscais de redução da procura, venda de bens públicos, diminuição do peso do setor estatal. Como corolário, criaram-se grupos clientelares dependentes de concessões e contratos públicos e instalou-se a lógica de comissões e de associação de nacionais (influentes) a investidores privados. Foi a partir deste período que proliferaram ONGDs, que canalizaram a ajuda externa, marginalizando o Estado e substituindo as suas funções. Foi também neste período que, sob a presidência de Joaquim Chissano, se iniciaram contactos com a Renamo e se assinou o Acordo de Paz de Roma de 1992, pondo assim fim a 16 anos de desestabilização e guerra civil – já após o fim do conflito Leste – Oeste, da libertação de Nelson Mandela e do início da transição política na África do Sul.³ ■

Notas

¹ Até final da guerra fria o governo só concretizou três nacionalizações, todas entre 1975 e 1976: dos prédios de rendimento, da Carbomoc (carvão de Moatize) e da Petromoc (refinaria de petróleo). O setor estatal aumentou assim fortemente com a nomeação de Comissões Administrativas para empresas abandonadas ou falidas.

² Evento mencionado em Serving Secretly por Ken Flower, então chefe dos serviços secretos rodésianos.

³ Existem bastantes fontes, incluindo teses de mestrado e de doutoramento, que abarcam o período tratado neste artigo. O autor decidiu não as mencionar, não só para evitar esquecimentos injustos, mas também porque foi testemunha privilegiada em Moçambique de grande parte dos acontecimentos narrados.

1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Veto à entrada de Moçambique no CAME	Congresso da Frelimo, começo da inflexão do modelo de desenvolvimento	Acordo de Incomati, adesão ao FMI, ao Banco Mundial e à Convenção de Lomé	Normalização das relações com os EUA, encontro Samora Machel e Ronald Reagan	Morte de Samora Machel	Início do consulado de Joaquim Chissano, aceleração da abertura económica	Começo de contactos indiretos Frelimo-Renamo com ajuda da igreja católica	Fim da guerra fria, Renamo autonomiza-se com o anúncio do fim do apartheid